

81'42

S7199

C92579245

Ex 1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ROSANA DA CONCEIÇÃO FLORINDO SOUZA

QUARTO DE DESPEJO:
A MARGINALIDADE NO DISCURSO LITERÁRIO



PONTES E LACERDA / MT
DEZEMBRO/2013

ROSANA DA CONCEIÇÃO FLORINDO SOUZA

***QUARTO DE DESPEJO:*
A MARGINALIDADE NO DISCURSO LITERÁRIO**

**Monografia de conclusão de curso de graduação em
letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL)
da Universidade do Estado de Mato Grosso –
Campus Universitário de Pontes e Lacerda- MT,
como requisito parcial para obtenção de título da
Graduada em Letras.**

Orientadora: Profª. Dra. Eliana de Almeida



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA SEGUINDE
BANCA EXAMINADORA:

Profª. Eliana de Almeida
UNEMAT- Pontes e Lacerda

Profª. Selma Albuquerque Cavalcanti. Kirsch
UNEMAT- Pontes e Lacerda

Prof. José Pereira da Silva Neto
UNEMAT- Pontes e Lacerda-MT

PONTES E LACERDA – MT
DEZEMBRO / 2013

Agradeço em especial a JEOVÁ meu DEUS, por tudo.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente a Jeová meu Deus pelas graças concedidas

Agradeço á:

*Minha amada mãe, Dra. Maria, pelo apoio que me deu nos momentos difíceis
da minha vida.*

Meu pai, Sr. Ascino, que me ajudou com seus conselhos.

Minhas irmãs Rozilene, Cristina e Rozilei (em memória).

Meus filhos, Valdir e Juliano.

Meus sobrinhos, Vitor e Emilly.

Meus amigos, Carina, Gustavo e Ascione.

*Agradeço aos professores que nunca mediram esforços para ajudar seus
acadêmicos em especial á Pro^a. Dra. Eliana de Almeida pela orientação neste
trabalho, pois sem a sua contribuição teórica eu não teria conseguido.*

Muito obrigado a todos.

[...] Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. [...] Comecei a catar papel. Subi a Rua Tiradentes, cumprimentei as senhoras que conheço. [...]

Jesus, Carolina Maria de ("Quarto de Despejo" 1976, p.22)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO E O OLHAR TEÓRICO PARA O MATERIAL:	8
2- O <i>QUARTO DE DESPEJO</i> E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	16
3- OS EFEITOS DE REALIDADE NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DE <i>MARGINALIDADE</i>	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	25

1- INTRODUÇÃO E O OLHAR TEÓRICO PARA O MATERIAL:

Este trabalho monográfico inscreve-se na perspectiva da Análise do Discurso, conforme Pêcheux (1998) e Orlandi (2005). Tomo como material de leitura a obra "Quarto de Despejo (2001)", de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), cuja obra foi considerada pela tradição como literatura marginal. Busco compreender quais os sentidos de marginalidade estão em funcionamento e como se significam na língua. Para isso, mobilizarei algumas noções da teoria da Análise do Discurso, fundada por Michel Pêcheux, na década de 1960 do século XX na França e desenvolvida no Brasil por Eni P. Orlandi, nos anos 80.

A Análise do Discurso, como seu próprio nome sugere, trata do discurso. Ou seja, o discurso é definido enquanto palavra em movimento, através do qual se pode observar o homem se expressando (Orlandi 2005, p.15), o discurso que é a língua em movimento terá sentido a partir do momento em que as unidades linguísticas vão além de frases. O texto, para a Análise do Discurso, não produz sentido no momento de sua enunciação, ao contrário, terá sentido na medida em que se inscreve no discurso que lhe é interior, ou seja, na história. Segundo a ótica da Análise do Discurso, em termos de língua o sentido pode ser um pouco prévio e um pouco já dado, isso em termos de Discurso, e é dessa forma que determinadas formulações são reconhecidas como pertencendo a certo discurso, e não a outro. O efeito do sentido nunca se dá por uma única palavra, mas por uma cadeia de palavras que se relacionam metaforicamente, ou seja, o sentido é tido como um conjunto de outras palavras, e esse mantém certa relação.

Assim tanto o efeito metafórico quanto o fenômeno semântico se produz por substituição textual, ou seja, substituição de sentidos. Segundo Orlandi (2005) o Discurso é marcado pela incompletude, pois relacionam com outros textos. Ao considerarmos o texto escrito consideramos não só o homem pela sua história, como também os processos de condições, de linguagem e a relação que se estabelece entre a Análise do Discurso e a língua referente aos sujeitos que as falam. Podemos também perceber em que situação o dizer é produzido, portanto, pode-se afirmar com isso que o analista de discurso encontra regularidade da língua em sua produção, no momento em que consegue fazer relação entre língua e a sua exterioridade.

O objeto da Análise do Discurso como sabemos é o objeto histórico-ideológico que se produz de forma social através de sua materialidade específica que é a língua. O Discurso dá-nos a possibilidade de entendermos que ele é uma prática que nasce da própria concepção de linguagem, que é marcado pelo conceito social e histórico com a qual a Análise de Discurso trabalha. Porém, devemos ressaltar que a noção de Discurso difere da noção de fala referida por Saussure.

Em Análise de Discurso a mensagem vai além de uma simples transmissão de informação uma vez que não há linearidade para os elementos constitutivos da comunicação. Isso se dá porque a mensagem para acontecer difere do processo de série, ou seja, uma pessoa fala ou refere-se a algumas como base em um código em que o receptor prontamente capta a mensagem e já é codificada. Ao contrário a língua não é só mais um código linguístico, não há separação entre emissor e receptor, nem trabalho em frequência diferente. Não podemos tão pouco devemos confundir a Análise de conteúdo, com a Análise de Discurso, o primeiro procura descobrir os sentidos dos textos, enquanto que o segundo não vê a linguagem como transparente, logo, se preocupa com a significação do texto.

A Análise de Discurso tem por objetivo compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, o que significa para e por sujeito, esses entendimentos consistem em saber como o texto organiza os gestos de interpretação que relaciona sujeito, e é a partir desses que serão possíveis novas práticas de leituras. "Segundo CANGUIHLEN (1980), a Análise de Discurso reúne três regiões de conhecimentos em suas articulações: A teoria da Sintaxe; A teoria da Enunciação; A teoria da Ideologia e a teoria do Discurso que é a determinação histórica dos processos de significação". (apudim Orlandi, 2005, p.25). Para uma a Análise de Discurso, há uma relação constitutiva entre ela e a língua, como diz Pêcheux (1975) "Não há discurso sem sujeito e não há sujeitado sem ideologia" (Orlandi 2005, p.17), ou seja, para haver o discurso e a ideologia faz-se necessário o sujeito.

É a "Análise de Discurso que nos proporcionará uma relação menos ingênua e mais estreita com a linguagem". Tentar saber como os discursos funcionam, é o sinônimo de um "jogo duplo de memória, o da memória institucional que estabiliza, e o da memória constituída pelo esquecimento, que o torna possível o diferente, a ruptura e o outro" (Orlandi 2005, p.10). E por falar em esquecimento é nos colocado por Michel Pêcheux (1975), que existem duas formas de esquecimento no discurso:

“o de número 2 que se encontra na ordem da enunciação, ou seja, ao falarmos fazemos isso de uma maneira, e não de outra, e no decorrer de nosso dizer, percebemos a formação parafrástica, nessa o dizer pode ser sempre outro”. (Idem, p.35)

Outro “esquecimento é o de número 1, conhecido também como esquecimento ideológico, ele se encontra na instância do inconsciente lugar este responsável pelo modo que somos afetados ideologicamente. No esquecimento ideológico temos a ilusão que somos origem do que dizemos quando na realidade apenas retomamos sentidos pré- existentes”. (Orlandi 2005, p.35). “O esquecimento ideológico reflete bem” o sonho adâmico, isso porque nele tinha-se a ilusão de que se estava no topo absoluto da linguagem sendo que o primeiro homem dizendo as primeiras palavras que significaria apenas e exatamente o que queremos, mas mesmo que os sentidos se realizem em nós, eles apenas se representam como tendo origem em nós, porque na realidade os sentidos são determinados pela forma que nos inscrevemos na língua e na história, logo os sentidos de fato acontecem na história pela língua, e não por nossa vontade”. (Idem.)

Segundo Orlandi (2005, p.35) ao nascermos, os discursos já existem, logo temos que acompanhar o processo, mas, embora eles não nasçam em nós isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a própria história nos afeta. Essa determinação é essencial para que aconteçam sentidos e sujeitos. Nesses aspectos podemos afirmar que o esquecimento é estruturante, pois faz parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Como já sabemos há duas maneiras de analisar a história do conhecimento seja ele geral ou de campo. A primeira é através da tradição, essa produz uma representação segundo a qual o conhecimento se acumula aos poucos, ou seja, o conhecimento sobre as mesmas coisas se intensifica, com isso as “coisas” criadas refletem os aspectos do real.

“Quando falamos em conhecimento devemos nos lembrar de que aos poucos ele vence a ignorância, em parte pela intelectualidade dos cientistas, em parte pelo modo ordeiro da pesquisa. Com isso as teorias sofreriam um processo progressivo de sofisticação, das teorias tendo como fruto a razão, logo a união das sofisticações das técnicas e a dos instrumentos contribuiria para o avanço eventual do fim, isso aconteceria no momento que tudo já fosse conhecido”. (In apud Mussalim Bentes 2009, p.335). Há quem diga que a ciência já alcançou esse patamar, é como se já

não existisse mais nada para ser explorado ou descoberto, pois o progresso em si caracteriza o conhecimento.

“A outra forma de abordarmos essa problemática é a da ruptura, traços principais dessa filosofia, cujos fundamentos têm bases históricas, logo, espera-se que a história dos campos de conhecimentos ateste a tese, essa difere da precedente. O conhecimento em ruptura, diferentemente da tradição, não acontece por acumulação de conhecimentos, mas pelo progresso e eventuais mudanças de rumo relacionado às etapas anteriores” (Idem). As novas teorias não são vistas com bons olhos, talvez seja porque essas ao invés de resolver os problemas criaram novas ou também porque novos desejos de verdade, ocupam seu lugar, tanto teórica quanto política. Tendo progresso ou ruptura, deixa de ter também objetivo, esse por sua vez é tido como uma corrida em relação ao conhecimento pronto e acabado, intitulado conhecimento absoluto. A noção de corrida se torna mais clara no momento em que essa for vista como uma acirrada competição seja esses em espaços teóricos, financiamentos ou pelo poder que nasce do próprio conhecimento.

Ao falarmos da hipótese da ruptura é essencial que mencionemos a história do conhecimento em seus diversos campos, contudo, devemos rejeitar que a história ao ser reconstituída aconteça em termos idealistas, casos contrários não serão encontrados desvios e conseqüentemente um sentido. “Às vezes, o termo ruptura significa criar uma problemática nova que pode ser o caso da linguística, por Sanssurre, da psicanálise, com Freud, da astronomia, com Copérnico. Pode também significar claramente a ocupação do mesmo campo, podemos citar um exemplo clássico: Marx em relação aos economistas” [...] (Bentes Musalim 2009, p.356) [...] O interessante é que a” ruptura pode ser eficaz para explicar o processo do conhecimento no domínio do individual, como propõem Bachelard (1938), [...] quanto no domínio dos diversos campos, uma vez que romper com o estágio anterior, sendo esse científico ou ideológico, é uma condição necessária tanto da cientificidade, quanto da implantação de uma dada teoria.” (apud in Bentes, 2009, p.356)

Alguns conceitos chaves da análise de discurso explicitam os gestos de ruptura, é o caso da interpretação, visto que na análise de discurso formula uma teoria da leitura, e essa se institui e rompe com a análise de conteúdo, por um lado e com a filologia por outro. Seu rompimento com a linguística acontece quando essa

reivindica uma semântica como um de seus componentes, é quando a análise de discurso rompe com ela.

Sabemos que na “corrente do tempo, a análise de conteúdo é anterior análise de discurso, logo ela se construiu em oposição no momento de sua ruptura com a análise conteudística.” (apud Bentes 2009, p.358) “A ruptura da Análise de Discurso com a análise de conteúdo se dá pela crítica da leitura, tendo como base categorias temáticas, pelas diferentes formas que o sentido é abordado, logo ocupa o seu lugar de tratamento como informação, é quando a análise de discurso introduz a noção de efeito e sentido entre locutores.

Agora colocarei como a AD toma o objeto saussuriano, a língua, ao conceituá-la como não-transparente, ou seja, ela não aceita que, dada palavra, ou sentido sejam óbvios, como se fossem estabelecidos por mera convenção ou esteja ligada diretamente a coisa, como o seu significado próprio (In Bentes 2009, p.360). Entretanto, nem por isso ela deixa de ter uma ordem própria. Só não tem uma teoria de gramática da língua. Isso porque a especialidade da análise de discurso está no campo do sentido. Como já foi dito, anteriormente advém das enunciações.

“A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que no discurso, torna possível tanto a permanência como a continuidade o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (Orlandi 2005, p.15). Por falar em realidade, João Francisco Duarte Júnior autor do livro *O Que é Realidade* da editora Brasiliense, disse que as pessoas usam o termo realidade rotineiramente nos mais diferentes contextos e áreas de atuação e, no entanto, quase nunca paramos para pensar seu significado. (O Que é Realidade 200, p.08). “O conceito de realidade é trabalhado em várias ciências, principalmente as humanas, porém devemos lembrar que a realidade pela ciência é de segunda ordem, ou seja, se constrói sobre as relações cotidianas do homem com mundo”. (O Que é Realidade 200, p.14) Sabe-se que as ciências humanas que mais usam o termo realidade são a “psicologia, a psicanálise e a psiquiatria”. (O Que é Realidade 200, p.08).

O prisma sobre o significado do termo realidade pode diferir de pessoa para outra, por exemplo: “uma árvore florida pode servir de modelo para um pintor que capta sua forma, cores, luz e sombra, já um jardineiro campestre verá nessa mesma árvore a possibilidade de um abrigo contra o sol escaldante, enquanto um agrônomo

vê a árvore em questão como uma mediadora do equilíbrio ecológico". (O Que é Realidade 200, p.10). Logo temos realidades e não realidade com isso concluiu que não existe só uma forma de se ver as coisas.

Retomando as questões das ciências humanas, gostaria de dizer que na obra "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, as condições de produção dessa obra serão bastante relevantes, porque mostram bem o contexto sócio- econômico em que vivia a escritora, também personagem, ao lado de seus filhos e vizinhos. Como a questão do termo realidade foi bastante pormenorizada, volto então para a questão da língua na Análise do Discurso.

Diferente do que muitos ainda pensam a língua não é um instrumento, ou seja, não é uma ferramenta que tem utilidade somente para a comunicação, quem aceita a definição de língua como uma ferramenta que propicia a comunicação, toma a língua como algo exterior ao sujeito. "A análise de discurso tanto por questões que relaciona o sentido ou por assumir a ideologia como algo relativo coloca" que "ideias", é um efeito da linguagem, logo não pode ser vista como "espelho do pensamento mais sim como, condição do pensamento". (Bentes Mussalim 2009, p.362) A língua é a materialidade discursiva, isso quer dizer que concebe o sentido como não sendo material. Sabemos que a análise de discurso tem uma estreita relação com a psicanálise por fazer parte do tripé que constitui a AD.

Segundo o conceito "de Lacan, a língua é tomada como alíngua. Essa concepção tem fundamento duplo: por um lado às concepções linguísticas, que tenta de várias formas colocar que a relação entre certa cadeia sintática e seu sentido acontece de maneira" "biunívoca". (Apud Bentes, 2009, p.362). O outro propõe que a constituição da língua seja equívoca, ou seja, que há ambiguidade, logo não se caracteriza nem como caso marginal tão pouco domesticada. "Segundo essas "concepções", uma língua se constitui alíngua por ter origem de interpretação, sendo assim não pode garantir interpretação unívoca". (Idem).

Com isso, é certo o equívoco. Os chistes mostram que a natureza da língua, sem dúvida é a da falha. Já a ideologia é pensada não do ponto de vista social, mas do ponto de vista ideológico, enquanto posição-sujeito. Isso faz com que ampliemos nossa maneira de compreendê-la, logo, trataremos a ideologia não como visão do mundo, nem como ocultamento da realidade, mas sim, como mecanismo estruturante do processo de significações. A conjunção língua e história só pode se dar pelo funcionamento ideológico, e podemos constatar isso quando temos o objeto

discurso como o lugar específico em que se é possível compreender que a língua se materializa e que nela manifestam-se os efeitos, na/da própria língua.

A AD leva em consideração o imaginário na relação sujeito\linguagem, em que a ideologia assume um novo lugar. É possível compreender pela ideologia como os sentidos se constituem, pois que esses estão na base da análise, sob a forma do acontecimento significativo, na sua relação com o sujeito, afetado pelo real da história. O acontecimento significativo evidencia-se na e pela força da ideologia. A AD, "procura compreender como a linguagem se materializa na ideologia e como esta se manifesta na língua". Ou seja, como a ideologia se materializa no discurso que se dá através da língua, de modo que o sujeito, atravessado pela ideologia de seu tempo, de seu lugar, lança mão para significar-se. (Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005, p.17).

Sabe-se que o conceito de ideologia para a Análise de Discurso advém do trabalho de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, que por sua vez se apropriou do conceito instituído por Marx. Ele concebe ideologia como uma forma de crítica ao sistema tido como "capitalista" e ao desmascaramento da ideologia de cunho burguês, ou seja, da classe dominante. (Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005, p.20). Para o melhor entendimento da "concepção" de ideologia, faz-se necessário ter conhecimento de três hipóteses: A) "A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência." B) "a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na da sua prática ou suas práticas." C) "A ideologia interpela indivíduos como sujeitos." (Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005.p.20 e 21).

Sabe-se que a ideologia serve de instrumento de dominação de classe, e isso se dá porque é a classe dominante que tem maior influência em disseminar suas ideias para a classe dominada. "Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, e é abstração e invenção da realidade e por isso permanece sempre no plano imediato do aparecer social." [...] O aparecer social é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens "(Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005, p.105)". Logo é o mesmo que dizer que a ideologia possui base real, mas, inversa a que prefigura sem dúvida a nossa sociedade.

Segundo Chauí (citada por Brandão, 1968.19) [...] o termo "ideologia", criado pelo filósofo Destruitt de Tracy. Em 1810, na obra *Elements de Ideálogie*, nasceu como sinônimo da atividade científica que procura analisar a faculdade de pensar,

tratando as ideias como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo enquanto organismo vivo com o meio ambiente. (Revista de Psicologia da UNESP4, (1) 2005.19).

2- O QUARTO DE DESPEJO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A obra literária escolhida como material de linguagem para esses estudos é "Quarto de Despejo", escrita por Carolina Maria de Jesus, considerada pela crítica como concernente à literatura marginal¹. Conforme Bonafé (2009), o termo *marginal* foi amplamente conhecido com o lançamento das edições especiais de literatura marginal da revista "Caros Amigos", que tem como título *A cultura da Periferia*, cujas edições se deram em 2001, 2002 e 2004. O termo literatura marginal então se espalha para/no cenário da literatura contemporânea.

A obra "Quarto de Despejo" narra, sob a forma de diário, a história de vida de uma favelada. A escritora tinha apenas o 2º ano da escola primária, o que não a impediu de relatar o seu cotidiano, juntamente com o de seus filhos e vizinhos. Para isso, trabalha uma linguagem simples, produzindo o efeito de uma *realidade empírica*, fazendo do seu diário um retrato falado do seu dia-a-dia.

A obra "Quarto de Despejo" data de 15 de julho de 1955, em cujo dia a filha da escritora e, assim, personagem da obra, Vera Eunice, estava de aniversário. Assim, como toda mãe que se preza, Carolina queria presentear sua filha com um par de sapatos, mas como fazer isso se o que ganhava dava malmente para comer? A solução encontrada por ela foi pegar do lixo um sapato velho, remendar e dar para a aniversariante. Este relato materializa as condições materiais de existência da escritora, que se configuram por uma extrema pobreza em termos socioeconômicos. Esse relato da década de 50 descrito sob a forma literária repete-se na atualidade, pelos processos de identificação entre as condições de pobreza da escritora e as atuais condições de pobreza que determinam o sujeito trabalhador.

A escritora relata em 16 de julho do mesmo ano a sua saga juntamente com os seus filhos na favela do Canindé onde moravam. Vera Eunice – a filha – pediu para que sua mãe fosse buscar água, essa a atende prontamente. Ao voltar, fez café e disse aos filhos que não tinham pão, apenas carne com farinha e café. Os dias se passavam e Carolina ficava revoltada pelo próprio sofrimento e dos filhos, em vista à fome e não terem quase nada para comer.

¹ "O investigador Alexandre Barbosa Pereira, da Universidade de São Paulo (USP) coloca em seu artigo sobre o livro "Vozes Marginais na literatura" da antropóloga brasileira Érica Peçanha Nascimento o conceito do termo marginal: " Literatura Marginal é uma das práticas artísticas- culturais reivindicadas pela população periférica, presente nos atuais movimentos de articulação social do entorno periférico brasileiro.

Como se não bastasse a vida sofrida que Carolina e seus filhos tinham na favela, ainda tinham de presenciar brigas de casais que usavam palavras, consideradas de baixo calão, sem mencionar a repressão constante por parte de alguns vizinhos. Na concepção da escritora, quando o assunto é criança, devemos ter cuidado até no falar, fazendo-o de uma forma mais calma, o que se materializa nas seguintes sequências discursivas: "quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis", (Quarto de Despejo 2001, p.13). A forma sobre a qual Carolina reagia era bem diferente dos demais vizinhos da favela, mesmo ela tendo apenas o segundo ano de uma escola primária, sempre procurava modos considerados *educados* na relação com todos. No entanto, apontava em duas narrativas diárias para a falta de solidariedade naquela favela, o que a deixava angustiada.

Carolina ganha peixes de Antônio, o peixeiro, e os fazem para o almoço. A escritora do diário reclama que todas as crianças jogam pedras, entretanto, somente os seus filhos levavam a culpa. Também não gostava quando as mulheres da favela comentavam que ela não tinha marido, pois se sentia mais feliz nessa condição. Ao trabalhar no pesado da cidade grande para o sustento de sua família, assumindo o papel de pai e mãe, as mulheres pediam esmola e eram ajudadas por instituições de caridade.

Outra desvantagem, segundo Carolina, de se ter marido é que quando há desentendimentos com os companheiros, acabam por apanhar, enquanto que ela estava tranquila. Independentemente de idade, todos têm a sua fé, o que não era diferente para José Carlos, um dos filhos de Carolina, que ao vê-la em imensa tristeza por morar em um barraco, dizia: "Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora."(Quarto de Despejo 2001, p.14). Nessa citação é possível notar o quão forte é a questão de religiosidade, seja ela qual for o ser humano sente necessidade de Deus. Não importa a qual denominação religiosa a pessoa faz parte, a questão é que se faz necessário acreditar em algo para que nas horas de maior aflição humana possa se recorrer a uma determinada divindade, com o objetivo de tentar resolver situações que estão aquém da compreensão humana. (Grifo meu)

A escritora mostra-se com uma política aguçada, tanto que quando foi buscar água e lhe perguntaram de que partido político era a faixa com a sigla PSB, e que,

sem pestanejar, Carolina respondeu: que era o Partido Social Brasileiro.² Também comentou sobre o Dr. Ademar de Barros.³ Disse que esse foi ladrão, e quem o apoia com certeza também não pode se considerar como uma pessoa de boa índole. (...)

Carolina não ficava alheia aos acontecimentos da favela, pois que dava fé de tudo: "Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mesclam com as meretrizes, contam as suas aventuras (...). Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho", (Quarto de Despejo 2001, p.16). As brigas na favela aconteciam de modo rotineiro, e em uma dessas brigas, as mulheres foram denominadas pela escritora como feras, por invadirem o seu barraco. Para defender a mãe, os seus filhos as apedrejaram, fazendo com que as mulheres tachassem seus filhos de *mal educados*.

Carolina sai em defesa de seus filhos e diz: "Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não podem compreender. Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo o que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com essas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos". (Quarto de Despejo 2001.p.17)

E foi exatamente o que Carolina Maria de Jesus fez, escreveu "Quarto de Despejo" tendo como base os acontecimentos da favela do Canindé, lugar onde morou. (...) Carolina dizia que quando sentava para escrever, os moradores da favela a olhavam de forma diferente, com uma expressão facial de poucos amigos por já saberem que ela estava descrevendo sobre a favela e os seus moradores. Fica claro que a escritora em questão usava suas escritas como uma forma de desabafo: "Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo", (Quarto de Despejo 2001, p.19). Carolina lia até mesmo quando chegava já tarde da noite de seu serviço de catar papéis, considerava o livro como "a melhor invenção do homem", (Quarto de Despejo 2001, p.22).

Nessa citação Carolina Maria de Jesus mais uma vez demonstra o quanto é diferente dos demais moradores da favela. Quando provocada, ela não brigava nem usava palavras consideradas de baixo calão, ao contrário se refugiava no mundo da

² Segundo (NE) na verdade, o Partido Socialista Brasileiro, que tinha apoiado Jânio Quadros ao governo do estado em um ano anterior e que agora apoiava Juarez Távora à presidência da República.

³ Ademar de Barros (1901-1969) que por duas vezes foi governador do estado. (NE)

escrita e da leitura, como uma espécie de subterfúgio, pois mesmo morando na favela sentia-se como não sendo parte dela. (...)

Além de gostar de ler e escrever Carolina também gostava de ligar seu rádio para ouvir o drama.⁴ Porém o sono falou mais alto e ela não conseguiu ouvir o final da peça. No dia 23 de julho foi o dia que a autora começou o seu diário, sempre tendo que parar para repreender seus filhos, foi quando ouviu uma batida na porta, pediu a João José que abrisse. Ao fazer isso se deparou com o senhor João, esse foi até onde estava Carolina para perguntar se ela sabia onde podia encontrar folhas de batatas para curar a dor de dente de sua filha. No momento em que o senhor João entra, percebe que Carolina estava escrevendo e quis saber qual o teor de sua escrita, ela disse se tratar de seu diário. Então seu João comentou:

"Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você." (Quarto de Despejo 2001, p.23). Ela respondeu que cada pessoa tem um ideal. O dela era ler. (Idem) (...) Como já foi dito anteriormente a obra em questão produz o efeito de narrar fatos verídicos da vida da escritora. É impossível imaginar que os filhos de Carolina não lhes dessem dor de cabeça, assim, como qualquer filho. Foi assim que a mãe, a escritora, a personagem, recebeu uma intimação para comparecer 8 horas da noite na delegacia para tentar resolver um problema de José Carlos, seu filho de nove anos. Carolina precisou sair para trabalhar e esqueceu-se do horário da intimação. Foi por isso necessário receber outra intimação para ir à Delegacia, arrependendo-se por não ter ido antes.

O tenente que a atendeu era muito amável e demonstrou interesse pela educação de seus filhos. A partir de imaginários sociais sobre o cidadão que mora na favela, mencionou que a favela é um ambiente propenso para que as pessoas se enveredem pelo caminho considerado errado, deixando de se tornar um cidadão de bem e útil a sua pátria. Carolina então pensou se ele sabe disso, porque não faz um relatório e envia para os políticos? Entre eles Jânio Quadros, o Kubistchek.⁵ (...). Os políticos não só precisam saber sobre as mazelas dos que vivem à margem da sociedade, isso por si só não resolve nada, é necessário agir (grifo meu). (...) Na vida temos várias lutas, sobre esse assunto o professor Fábio Pendiuk escreveu um

⁴ Referências as radionovelas, dramas radiofônicos de grande popularidade no Brasil no período do pós-guerra até meados da década de 50. (N E)

⁵ Juscelino Kubistchek (1902- 1976): presidente da República entre 1956 e 1961. No seu governo, buscou o desenvolvimento do país pela abertura aos investimentos estrangeiros e transferiu o Distrito MMFederal para Brasília. (N E)

artigo tendo como base teórica o conceito do sociólogo francês Pierre Bourdieu que nos leva a refletir sobre as mazelas da sociedade contemporânea.

Para isso faz-se necessário sabermos que para Bourdieu o conceito de campo nada mais é que: "espaço social" é que esse é estruturado pelo conjunto de ações, representações e interações sociais enfrentadas pelo sujeito, ou seja, representa o conjunto de relações entre sujeito e instituições em permanente luta pelo poder seja ele manifestadas nas relações da vida econômica, política ou cultural. Depois de entendermos que para Bourdieu "campo" é o espaço social, estruturado por conjuntos de ações e que essas representam as interações sociais que o sujeito enfrenta, podemos afirmar sem dúvidas que o espaço social de Carolina Maria de Jesus, a escritora era o Canindé, lugar dos marginalizados, que quase não tinham o que comer a luta dos moradores com os governantes da época que só ajudavam em ano de eleição, as reclamações de moradores por melhorias na favela, a falta de lazer de pessoas que moravam na favela, e que não tinham nenhuma ajuda do poder público, ao contrário eram esquecidos por ele, e até mesmo as constantes brigas de moradores com candidatos que prometiam as coisas para obterem votos, e uma vez votados e colocados no poder pelo povo considerado marginalizados os esqueciam por completo.

O conceito de "Habitus" para Bourdieu se caracteriza como "instrumento que auxilia pensar as relações de afinidades entre o comportamento dos agentes e as estruturas sociais e seus condicionamentos". Logo quando se pensa a relação de indivíduos e sociedade com base no conceito de "Habitus", é aceitar que o "individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados." Segundo Bourdieu quando o futuro do indivíduo é incerto ele próprio não tem como definir quem é, ou seja, é um indivíduo sem nenhuma importância, por não ter uma identidade definida.

Quando o indivíduo não tem o poder de dar sentido à vida que tem, sua existência se torna um fardo pesado, se torna um ser alienado que não tem desejos próprios, mas sim fazem o que os outros dizem ser bom ou não fazer. O homem sem exceção precisa ter motivos para viver, ser amado, ser desejado ter um trabalho digno, se sentir importante só assim encontrará motivos para viver. Carolina Maria de Jesus nesse sentido foi um exemplo para a sociedade da época, e também é para a sociedade contemporânea porque apesar de ter pouco ou quase nada de estudo, não se deixava levar por conversas de outras pessoas, podemos comprovar

isso no seguinte trecho da obra: "Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou desprezando. Disse- lhe: Não!". (Quarto de Despejo, 2001, p.25):

É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse: - Bate que eu abro a porta. Mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele(Idem).

Outra parte bem interessante da obra e que diferencia a escritora personagem de pessoas que também viviam á margem da sociedade é a questão das datas comemorativas. Como no dia 13 de maio, dia esse em que se comemora a liberdade dos escravos e não poderia ser esquecido pela escritora, mas sim, era bem lembrada por ela, e a questão de sua subjetividade. Como Carolina era catadora de papel e material reciclável seria natural pensar que no dia em que chovia ela ficasse estressada, ledô engano dizia o seguinte: "Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da abolição." (Quarto de Despejo, 2001, p.27). Desta maneira,

[...] Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. À chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. (Idem)

Pode se afirmar diante desse relato que embora Carolina fosse de poucos meios e precisava trabalhar todos os dias, não fazia disso um drama por causa da chuva, não, aproveitava para escrever até a chuva diminuir ou parar , também podemos deduzir que por ter pouco estudo queria que seus filhos estudassem, poderia ser esse um dos motivos de tê-los mandado a escola mesmo com chuva.

Mesmo não ficando estressada, por causa da chuva, Carolina sabia que em dias que chovia e esfriava, as pessoas comem mais, logo isso não era diferente com seus filhos, e a escritora disse: "A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz." (Quarto de Despejo, 2001, p.27.). Adiante "Eram 9 horas da noite quando comemos. (Idem)"

Como a abolição da escravidão já tinha sido feita, a escritora citou outra luta: "E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual- a fome!" (Idem).

Retomo Bourdieu para relembrar mais um pouco o termo sobre luta, segundo ele o sujeito vive em constante luta com instituições pelo poder que pode se manifestar nas relações de vida econômica, política ou cultural. No caso da escritora e das outras moradoras da favela era a primeira manifestação disso porque elas lutavam contra a fome e essa problemática começa desde o primeiro capítulo da obra:

Eu não tinha um tostão para comprar pão. [...] Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (Quarto de Despejo, 2001, p.9)

Logo adiante,

[...] Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. [...] Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. [...] A dona mandou esperar [...]. A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quis abrir o embrulho perto das colegas, com receio que elas pedissem. Começou a pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou a casa, a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos. (Quarto de Despejo, 2001, p. 55).

Isso sim é falta de empatia e solidariedade para com o próximo, se não queria ajudar, ao menos não enganasse a pedinte para não alimentar seus desejos imaginários que pensava ser algo bom para amenizar a fome.

Esse outro trecho da obra também mostra que não é só uma pessoa na favela que não tinha empatia com os menos favorecidos:

Quando passei perto da fábrica vi vários tomates. [...] Ia pegar quando vi o gerente. Não aproximei porque ele não gosta que pega. Quando descarregam os caminhões os tomates caem no solo e quando os caminhões saem esmaga-os. Mas a humanidade é assim. Prefere vê estragar do que deixar seus semelhantes aproveitar. Quando ele se afastou eu fui pegar uns tomates. (Quarto de Despejo, 2001, p.69).

A fome faz isso, faz a pessoa perder o medo porque sabe que é mais fácil levar repelão do que ouvir a barriga roncar, principalmente quando quem se arrisca for mãe tendo para criar três filhos.

[...] Mesmo com todo o sofrimento e às vezes até choro Carolina dizia que não deve chorar, mais sim lutar. E é verdade não devemos nos achar coitadinhos, pensando que o governo é responsável por tudo e enquanto isso ficar esperando cair tudo do céu. Devemos lutar pelo que acreditamos, porque assim como Bourdie já disse anteriormente, o sujeito vive em constantes lutas com instituições pelo poder manifestado na relação de vida econômica, política ou cultural. (Quarto de Despejo, 2001, p.69)

Carolina mesmo sendo da favela às vezes quando relatava algum acontecimento se colocava como não sendo um deles, veja um breve relato dela quando o porco que engordara foi morto pelo ser Orlando na favela:

O Orlando deu-lhe uma punhalada. Vendo o sangue correr, peguei uma bacia para aproveitá-lo para fazer chouriço. Contemplava o exterior do porco, que não queria exalar o último suspiro. Orlando deu-lhe outra facada. Esperamos ele morrer. Os minutos passam. Eles pelaram o porco e quando abriram o porco eu fiquei contente. A criançada invadiu o quintal. As mulheres surgiram dizendo que queriam um pedaço. O Chicle queria as tripas.

- Eu não vou vender nem dar. Eu engordei este porco para os meus filhos. Eles protestavam. Surgiu a mãe da Anália, pediu se eu podia vender um pedaço de toucinho.

- Não vou vender. Quando você engordou e matou o teu porco, eu não fui aborrecer-te.

Ela começou a dizer que queria só o toucinho. Perpassei o olhar no povo que fitava o toucinho igual à raposa quando fita uma galinha. Pensei: e se eles invadirem o quintal? Resolvi levar o toucinho para dentro de casa o mais depressa possível. Fitei as tabuas do barraco, que já estão podres. Se eles invadirem, adeus barracos. (Quarto de Despejo, 2001, p.142).

Adiante,

Juro que fiquei com medo dos favelados. (Quarto de Despejo, 2001, p. 144.).

Realmente no trecho acima citado a escritora se coloca como alguém que não faz parte da favela do Canindé.

As condições de produção que acercam o trabalho de escrita da obra *Quarto de despejo* indiciam uma realidade nua e crua da vida marginal, no entanto, enquanto escrita literária, logo, arte da escrita, o faz enquanto efeito de realidade, o que veremos a seguir.

3- OS EFEITOS DE REALIDADE NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DE MARGINALIDADE

Vemos funcionar na obra de Carolina de Jesus o *efeito de realidade* construído justamente a partir de marcas linguísticas, tais como as pequenas narrativas diárias sob o título de indicação da data. Essas indicações de datas diárias apontam para esse efeito de realidade, como se cada narrativa retratasse os fatos, numa relação direta entre a palavra e a coisa relatada. Por outro lado, o efeito de realidade se constrói também pelos modos como o sofrimento e as condições precárias da vida na favela são minuciosamente relatadas. Na obra em questão a escritora disse que tudo que encontrava no lixo catava para vender, era uma situação de extrema miséria. Dos materiais encontrados para venda, o lucro foi só 13 cruzeiros, era necessário comprar pão, leite e sabão, porém 13 cruzeiro não davam para comprara as coisas que faltava, deixa Carolina nervosa. Senário.

Outras marcas que constroem o efeito de realidade é a linguagem da escritora que contraria a gramática.

Finalizo respondendo a pergunta que fiz no começo deste trabalho: Como o sentido de marginalidade está em funcionamento na obra literária pela língua? O sentido de marginalidade nessa obra se dá fundamentalmente como efeito, pelas marcas linguísticas que materializam as condições materiais de existência significada na escrita Quarto de Despejo.

Por meio da linguagem como já sabemos o homem transforma a realidade ou o seu efeito, uma vez que também se transforma a si mesmo. Para Carolina o efeito de realidade enriqueceu a obra literária enquanto arte, pela desigualdade social que se materializou e que busca interpretar a realidade de sua época, em que o Brasil estava passando por transformações no cenário político e consequentemente social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado; trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiro Albuquerque de Castro: introdução e crítica de José Augusto Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985, 2ª edição.
- COSTA, Gisele Bonafé- AS (ÁS) MARGENS (DA) LITERATURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE VERSOS MARGINAIS, 2009.
- CARO AMIGO ESPECIAL. Literatura marginal: A cultura da periferia. São Paulo, agosto de 2001.
- DUARTE Júnior, João- Francisco 1953- O que é realidade/ João- Francisco Júnior- São Paulo: Brasiliense, 2000. Coleção Primeiros Passos.
- QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS DE 2001.
- MUSSALIM, F.& BENTES A.C. Introdução á Linguística: domínio e fronteira. V.1 São Paulo: Cortez, 2009.
- MENDES E SILVA, MARIA ALICE SIQUEIRA. **Sobre a análise de discurso**. Universidade de Ourinhos-SP. Revista de psicologia da Unesp, 4 (1) 2005. 20. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/30/55>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos, 1942- Campinas, São Paulo. Pontes, 6.ed, 2005.
- _____. As formas do silêncio: no momento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. A língua brasileira. In: Língua e conhecimento. Por uma história das ideias no Brasil.. ORLANDI, Eni. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Interpretação: autora, leitura e efeitos do trabalho simbólico, 5ª edição. Campinas; SP, Pontes Editora, 2007.
- PAYER, Maria Onice. Memória da língua nacional e a língua materna. In memória da língua: imigração e nacionalidade- São Paulo: Escuta 2006.
- PÊCHEUX, Michel. [1998] Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. SÓ HÁ CAUSA, daquilo que falha ou o inverso político francês: início de uma ratificação. In: Semântica e discurso: Uma Crítica á afirmação do óbvio, trad. Eni Pulcinelli Orlandi [et al] 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PENDIUK, Fábio – Pierre Bourdieu: para pensar a sociedade contemporânea. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=artigo+de+f%C3%A1bio+pendiuk+para+pensar+a+sociedade+contemporanea>. Acesso em: 02 nov. 2013.